

**- SEÇÃO I -**

**MESAS REDONDAS**



## A PRÁTICA DA LINGÜÍSTICA E A LINGÜÍSTICA DA PRÁTICA : UM DEPOIMENTO PESSOAL

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)

*Abstract: This paper takes a quick look at the more than three decades of my involvement in language related work and research, leading to my current job placement as a linguist at the State University at Campinas (since 1984). I argue that the time has come for us to break away from the disciplinary barriers imposed upon academic research and assume an 'indisciplinary' stance vis-à-vis some of the good old problems posed by theoretical linguistics as well as some of the widely accepted solutions usually bandied about. It is my contention that the choice before the working linguist today is one between, on the one hand, an ethically responsible way of conducting research and, on the other, tenaciously remaining closeted in the ivory tower of pure theory, unmindful of the practical consequences and the ethical dimensions of one's reflections.*

Na vida acadêmica de uma pessoa, mudanças bruscas acontecem, mas são mais raras do que se pensa. Ademais, numa análise retrospectiva, é possível identificar certas tendências e certos interesses recorrentes que perpassam, ainda que de forma velada, toda a trajetória. É, acho eu, o que tem acontecido no meu caso.

Tendo feito bacharelado e mestrado em Literatura Inglesa, e atuado como professor dessa disciplina, primeiro na Universidade de Delhi (Índia) e posteriormente na PUC-SP, o fato de ter me interessado pela Lingüística, mais ou menos por volta de 1970, pode parecer um tanto estranho - sobretudo quando se percebe que naquele tempo a Lingüística, no seu afã de se firmar como uma “ciência”, se autodefinia em oposição aos Estudos Literários. Nós cuidamos da parte racional da linguagem, eles que fiquem com a parte emocional. Após fazer mestrado em Lingüística em Delhi, não menos estranho foi a decisão de fazer um outro, dessa vez, em Lingüística Aplicada, na Universidade de Edinburgh. Finalmente, chega a vez do Doutorado, na área que hoje chamamos de a “filosofia da linguagem” - porém, dentro de um programa de Lingüística Aplicada - concluído em 1982, aqui mesmo, na PUC-SP, com a tese *Negation and Denial: A Study in the Theory of Speech Acts*.. O estágio de Pós-Doutorado que realizei 11 anos mais tarde foi junto ao Departamento de Filosofia da Universidade da Califórnia, campus de Berkeley.

Hoje, percebo que a minha atividade acadêmica, enquanto docente e pesquisador, transita um pouco entre todas as áreas mencionadas. Não reconheço mais a necessidade de manter com tanto zelo e ciúme as fronteiras entre as disciplinas. Já se falou muito na inter- e transdisciplinaridade. Penso que o termo mais apropriado - ao menos no que diz respeito à minha condição atual enquanto pesquisador - deva ser o neologismo “indisciplinaridade”. Indisciplinaridade não significa necessariamente descrença total nas abordagens teóricas que aí estão. Muito menos ainda significa desejo de “bagunçar o coreto” da sinfonia acadêmica, formada pelas

diversas disciplinas. Significa, no meu modo de entender, uma certa vontade de trabalhar novas questões ou, por que não, velhas questões sob novas perspectivas. Significa, isto sim, abordar tanto os problemas tradicionais como as soluções consagradas propostas a cada um deles com um pouco mais daquilo que se pode chamar de “espírito de problematização”, um pouco mais do espírito tão saudável de ceticismo (desde que, é claro, utilizado com prudência) - enfim, temperar tudo o que é oferecido a nós como pontos pacíficos do campo do saber “with a grain of salt”, como dizem os ingleses.

Desde a conclusão da minha tese de doutorado, tenho procurado conduzir os meus diversos projetos de pesquisa com um certo espírito crítico. É impressionante que ainda há quem diga que, por ser uma disciplina científica, não há como assumir posturas críticas na Linguística. A ciência apenas descreve e explica; a tarefa de assumir posturas que envolvem decisões, escolhas etc. deve ser relegada para outros. (cf. Rajagopalan, 1995). No caso da Ciência da Linguagem - a Linguística -, esses outros estariam na recém-emancipada área conexa chamada “Linguística Aplicada”.

Acredito que tal divisão do bolo - entre uns encarregados de teorizar no vazio e outros tidos como praticantes inveterados sem qualquer responsabilidade teórica - tenha sido o pior de todos os contratempos da nossa vocação nos últimos anos. Penso que a verdadeira escolha hoje está entre duas maneiras de pensar a linguagem radicalmente opostas entre si - ou fazê-la de forma éticamente responsável ou recuar à torre de marfim que eufemisticamente chamamos de “ciência pura”. Já há algum tempo venho dizendo que não pretendo passar o

resto da minha vida perseguindo a segunda opção. Acredito também que cada vez mais gente está apostando na primeira opção. Acontece que nem sempre se percebe que tal escolha pede uma certa atitude crítica em relação às nossas certezas, inclusive as mais bem enraizadas, e uma vontade de rever as nossas posições teóricas constantemente. As coisas estão mudando mais rapidamente do que às vezes pensamos e as nossas teorias e hipóteses precisam estar atentas a todas essas mudanças em curso, sob pena de ficarmos incapacitados de lidar com o mundo devido ao apego desmedido às teorias, a cujos encantos nos entregamos de corpo e alma, em algum momento de fragilidade sentimental em nossas juventudes acadêmicas.

Penso que ao nos propormos a fazer a Lingüística de maneira eticamente responsável, devemos antes de mais nada, repensar os nossos conceitos e categorias, por mais que tempo e unanimidade lhes possam ter conferido uma aura de respeitabilidade e “intocabilidade”. Entre essas certezas quase inaugurais da Lingüística Moderna está, a meu ver, a idéia de que a ciência da linguagem deve restringir-se a observações descritivas, e jamais prescritivas. Devemos estar perguntando, conforme vem sugerindo um número crescente de pesquisadores, se as condições do surgimento de uma disciplina descritiva não poderiam ter sido, elas mesmas, fruto de decisões altamente prescritivas. Devemos estar perguntando, entre outras coisas, se as identidades com as quais estamos acostumados a trabalhar - isto é, categorias como a língua, o falante nativo etc. não seriam nada mais que construtos teóricos e, enquanto tais, capazes de serem repensados. (cf. Rajagopalan, no prelo) Devemos estar perguntando,

inclusive, se a própria Lingüística não deveria estar dialogando, e por que não dizer, “medindo forças” com as disciplinas conexas que, embora com propósitos e instrumentos diferentes, se dirigem aos temas similares e, as vezes, idênticos. Devemos, por fim, estar perguntando se, ao nos recusarmos a discutir, abrir para questionamento constante, as certezas fundadoras da nossa disciplina, não estaríamos correndo o risco de reduzir a nossa ciência a um punhado de “dogmas” intocáveis e correndo o risco também de transformarmos a nossa “ciência” em uma seita, com suas crenças e superstições rigorosamente protegidas contra críticas externas.

Acredito que a prática da lingüística só terá pleno êxito se ela estiver atenta também a uma lingüística da prática.

Endereço eletrônico do autor: [rajan@iel.unicamp.br](mailto:rajan@iel.unicamp.br)

#### NOTA

Este texto foi confeccionado com base nas anotações utilizadas para minha participação na mesa redonda ‘26 anos de LAEL: Quem somos? Onde estamos? O que fazemos?’, coordenada pela Profa. Dra. Maria Antonieta Alba Celani, durante 6º InPLA, PUC-SP., em abril de 1996. Aproveito esta oportunidade para registrar o meu agradecimento ao CNPq que tem apoiado as minhas pesquisas nos últimos oito anos (Processo nº 306151/88-0).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RAJAGOPALAN, K. (1995). **Critical Discourse Analysis and its Discontents. Working Papers Séries. nº 72.** Lancaster University.

----- (no prelo) Linguistics and the myth of nativity: Comments on the controversy over 'new / non-native Englishes'. **Journal of Pragmatics.** Vol. 27. 1996.